

Aristóteles Drummond

Abuso nos fundos de pensão

A roubalheira nos fundos de pensão fechados, a maioria de estatais, vem atingindo níveis trágicos. E a repetição das práticas lesivas aos assistidos é uma realidade. São muitos os casos de corte em suplementação de efeitos danosos à sobrevivência de aposentados, supostamente idosos.

O caso mais grave neste momento é o da Eletrobras, que levou mais de 500 famílias a uma situação inacreditável. Muitos não recebem o suficiente para honrar planos de saúde geridos pelas mesmas fundações. O grave no caso da

Eletrobras é que a patrocina-dora que nomeia os dirigentes do fundo não cobre o rombo. E existiria até provisão em balanço para este fim. A elite do setor elétrico, composta por homens de bem que proporcionaram o fantástico parque de geração hidroelétrica que temos, passa por momento de grande angústia.

A entrega de fundações à militância política, em pouco mais de dois anos deste governo, já apresenta fatos preocupantes. Tem até fundo sem rentabilidade em 2024, quando bastaria uma alocação

em títulos federais ou papéis de bancos como BB. Caixa econômica ou BNDES para atender a exigências legais.

Casos de aplicações temerárias, concentração de risco e conflito de interesses se repetem com frequência crescente e a impunidade prevalece. Algo deve ser feito para salvar o sistema que atende a centenas de milhares de famílias só entre estatais.

Uma medida emergencial e simples era a colocação em papéis emitidos pelo Tesouro Nacional ou bancos oficiais federais, sem intermediação

de corretoras. Bastaria decisão política do governo federal e dos estaduais e municipais.

O mercado financeiro brasileiro é de qualidade, mas curiosamente os fundos raramente aplicam nos dez maiores bancos e nunca nos oficiais.

O dinheiro depositado aos assistidos entra de imediato na economia, pois se trata de subsistência dos beneficiários. Integra, portanto, uma faixa de consumo relevante.

Pena o silêncio dos sindicatos, quando não omissos, cúmplices.

quem já foi vendido, quem já andou meio perdido. E se a palavra não leva pro Nobel, que leve pelo menos até o coração de alguém. Já é prêmio demais pra qualquer caipira sonhador.

***Defensor Público Federal formado em Direito pela USP, especialista em Direitos Humanos e Inclusão Social; mestre em Economia Política pela PUC/SP. Cientista político pela Hillsdale College e doutor em Economia pela Princeton University. Comendador cultural, escritor e professor (Instagram: @andrenaves.def).**

André Naves*

Inveja e evolução

Sabe aquele dito da roça, “inveja mata”? Pois lá nos antigamente mesmo, foi capaz de ser assim – Caim de olho no irmão, não deu outra: sangue no terreiro, o primeiro crime da história. A coisa era feia, não tinha papinho de perdão, não. Mas o tempo vai passando e, de grão em grão, a gente aprende um tanto.

Vê só o caso do José, aquele dos sonhos coloridos e casaco todo chique. O povo da família, roído de inveja, não teve coragem de acabar com o irmão feito Caim. Jogaram ele num buraco, venderam feito gado no leilão. Já melhorou um pouco: deu tempo de contar história

depois. E olha que da desgraça saiu coisa boa. Virou gente grande lá no Egito, salvou meio mundo de passar fome. A vida tem dessas: aperta, mas ensina.

E nessa de viver, cada um com seu latifúndio. Nem precisa sonhar com prêmio grande igual Nobel. Dizia o professor Antônio Cândido — e ele sabia das coisas — que cronista de verdade só ganha prêmio do cora-ção mesmo. Imagina, eu aqui, escrevendo, pensando que nin-guém nota. Mas esses dias, recebi um chamado: uma criança de 9 anos, com jeito de quem cria esperança, me disse que minhas palavrinhas tinham dado força

pra enfrentar a vida.

Nesse instante vi que minha medalha já veio: não é ouro, nem diploma, é esse trem bão que é tocar um pouquinho a vida do outro.

Literatura, meu amigo, é igual pão de queijo quente: acolhe, alimenta e às vezes, salva até a alma. Camões, que já errou mais que galinha nova cisca, redimiu-se na poesia. José achou a glória no fundo do poço. Eu, cronista de buteco, ganhei o maior prêmio com um telefone-ma de menino.

No fundo, a gente só quer um tantinho de redenção — pra perdoar quem já foi Caim,

Márcio Coimbra*

Educação Transformadora

A integração de tecnologias educacionais no Brasil é um passo crucial para reduzir desigualdades e melhorar a qualidade do ensino. Enquanto países como China, Coreia do Sul e Taiwan já colhem os frutos deste investimento, o Brasil ainda enfrenta desafios como infraestrutura desigual e falta de capacitação docente. Dados do PISA 2022 mostram que estudantes brasileiros estão até 3 anos atrás em matemática e ciências comparados aos alunos desses países asiáticos, onde plataformas adaptativas e inteligência artificial são comuns. Isso significa que a adoção de ferramentas modernas e soluções locais poderiam ajudar a diminuir essa lacuna, especialmente quando falamos em escolas públicas.

Na China, plataformas modernas são usadas para aulas remotas e programas de gestão escolar, enquanto a Coreia do Sul implementou sistemas de inteligência artificial para personalizar o ensino. O Brasil

pode se inspirar nesses modelos, adotando tecnologias adaptativas que atendam às diversidades regionais e socioeconômicas do nosso país.

Enquanto isso, Taiwan se destaca pelo uso de realidade aumentada (RA) e gamificação em salas de aula, aumentando em 30% o interesse dos alunos por disciplinas como matemática e ciências. No Brasil, projetos-piloto com RA, como os realizados pelo SESI, já mostram resultados promissores, com aumento de 20% no desempenho em escolas testadas. Se expandidas, essas tecnologias poderiam revolucionar o ensino em áreas rurais e periféricas, onde a evasão escolar chega a 7,6% no ensino médio.

Os países escandinavos, como Finlândia e Suécia, oferecem outro modelo eficaz: a abordagem transversal, onde a tecnologia não é uma disciplina isolada, mas integrada a todas as matérias. Na Finlândia, 70% das escolas usam plataformas digitais para projetos

colaborativos, resultando em altos índices de criatividade e resolução de problemas. Aqui, poderíamos adotar essa abordagem, utilizando plataformas não apenas para aulas remotas, mas como parte do currículo diário. Isso exigiria capacitação docente e infraestrutura, porém, os resultados—como mostram os escandinavos—são alunos mais preparados para os desafios do século XXI.

O impacto potencial do uso da tecnologia na educação seria enorme: estima-se que a implementação em larga escala de tecnologias educacionais poderia aumentar em 25% a proficiência em matemática (como visto em projetos locais) e reduzir a evasão em até 15%. Para isso, é essencial seguir exemplos globais, combinando políticas públicas robustas (como o Plano de Conectividade Escolar do MEC) com parcerias privadas. Se o país investir em infraestrutura, formação docente e inovações como IA e RA, poderá

não apenas recuperar o atraso educacional, mas também se tornar um case de sucesso na América Latina.

Em resumo, a tecnologia na educação não é um luxo, mas uma necessidade para reduzir desigualdades e preparar os estudantes brasileiros para um futuro globalizado. Inspirar-se em casos de sucesso internacional—seja na adoção de IA como na Ásia, seja na transversalidade escandinava—pode guiar o Brasil rumo a um ensino mais dinâmico e inclusivo. É uma chance real de virar o jogo onde mais precisamos.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal**

EDITORIAL

Maio amarelo, sinal vermelho

O mês de maio no Distrito Federal (DF) é marcado por um esforço coletivo em prol da segurança viária, com destaque para o movimento Maio Amarelo. Esta campanha, que visa conscientizar a população sobre os riscos no trânsito e promover comportamentos mais seguros, ocorre em um cenário de desafios persistentes e avanços significativos.

Em 2024, o DF registrou 223 sinistros de trânsito com vítimas fatais, refletindo uma redução de 19,7% em relação ao ano anterior. Este dado preliminar indica um progresso nas políticas públicas de mobilidade e segurança viária. No entanto, é importante ressaltar que, apesar dessa diminuição, o número de mortes ainda é elevado, evidenciando a necessidade de ações contínuas e eficazes.

Durante o mês de maio, o Departamento de Trânsito do DF (Detran-DF) intensificou suas ações educativas, com cerca de 150 atividades programadas.

Essas ações incluem blitzes educativas, palestras e

eventos comunitários, com foco na conscientização sobre os principais fatores de risco, como o uso do celular ao volante, a combinação de álcool e direção, e a importância do respeito às sinalizações de trânsito.

Apesar dos avanços, desafios significativos permanecem. Além disso, a presença de motociclistas e ciclistas nas estatísticas de vítimas fatais indica a necessidade de políticas públicas que promovam a segurança desses grupos vulneráveis.

O mês de maio serve como um lembrete da importância da conscientização e da ação coletiva para a redução dos acidentes de trânsito.

Embora o DF tenha registrado avanços significativos, é imperativo que as autoridades, a sociedade civil e os cidadãos continuem comprometidos com a promoção de um trânsito mais seguro.

A redução das mortes no trânsito é uma responsabilidade compartilhada, que exige esforços contínuos e integrados em todas as esferas da sociedade.

Que todos os dias sejam dias das mães

Este domingo (11) marca uma data muito especial: o Dia das Mães. Ele foi comemorado no Brasil pela primeira vez em 12 de maio de 1918, sendo trazida pelo Secretário-geral da Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul, Frank Long. A data se popularizou e acabou sendo instituída oficialmente no calendário brasileiro em 1932, com Getúlio Vargas.

A ideia da nacionalização da data agradou o movimento feminista, que visava incentivar a valorização das mulheres na sociedade. Em 1947, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, oficializou a integração da data ao Calendário Oficial da Igreja Católica.

Para muitos, o Dia das Mães é uma oportunidade de sair para almoçar ou jantar em família, enquanto outros, que já não estão mais com

suas mães neste mundo, é uma data triste ou nostálgica.

Mas a verdade é que, por mais clichê que possa soar, o dia das mães tem de ser todos os dias. Valorizar as mulheres que nos trouxeram ao mundo deveria ser obrigação básica de todo ser humano.

O gesto de ser mãe é uma grande abdicção de sonhos e desejos em prol da pequena vida gerada no ventre. Elas sofrem, veem seus corpos mudarem e encaram até mesmo mudanças na carreira. Ser mãe, muitas vezes, é um risco. E ainda assim elas enfrentam o desafio.

Não tem como não louvar e amar essas mulheres tão incriveis que fazem das tripas coração para proporcionar a vida e garantir carinho, amor e perdão, independentemente da idade da cria.

As mães merecem amor e carinho eternos, homenagens diárias e muita valorização de filhos, maridos e avós.

Opinião do leitor

Homenagem

Que as mães continuem amando os seus filhos e que estes nunca esqueçam que o amor por elas é a coisa mais importantes de suas vidas. O dom da maternidade é um momento de emoções inexplícáveis na vida das mulheres, que é vivido intensamente em cada fase de desenvolvimento do ser gerado em seu próprio corpo.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

HÁ 95 ANOS: ESPANHA ESTÁ NOVAMENTE AGITADA PELOS ESTUDANTES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de maio de 1930 foram: Instalou-se, em Lisboa, o julgamento dos implicados

no escândalo do Banco de Angola. Situação na Índia tende a se agravar depois da prisão de Ghandi. Inaugura-se, em Cartago, o 30º Congresso

Internacional Eucarístico. Espanha está novamente agitada pelos estudantes. Preparativos do voo de Mermoz pelo Atlântico

HÁ 75 ANOS: INCÊNDIO DESTRÓI PALCO DO TEATRO CARLOS GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de maio de 1950 foram: UDN promove manifestação por Eduardo Gomes

no Distrito Federal; lenços brancos, marca de sua campanha em 1945, reaparecem. Incêndio destrói palco do teatro Carlos Gomes. Archeson

e Shuman fazem reunião em Paris. Somoza assume a presidência da Nicaragua. Alta Cúpula Aliada profbe o armamento alemão.



Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier,
Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor) e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.